



CHE GUEVARA

Nascido em Rosário, em 1928, Ernesto Guevara de la Serna estudou medicina, viajou a América Latina e junto com Fidel Castro liderou a revolução cubana, entre 1953 e 1959, quando o governo de Fulgêncio Batista foi derrubado. Assumiu cargos importantes no novo governo cubano e em 1965 deixou a ilha para promover revoluções em outros países. Primeiro seguiu para o Congo e depois para a Bolívia, onde foi executado por militares bolivianos e pela CIA. Sua imagem retratada por Albert Korda se tornou um dos maiores ícones do século 20, ajudando a elevar o revolucionário ao status de ícone pop. Em 1961, Che esteve oficialmente no Brasil para receber uma medalha do então presidente Jânio Quadros.

QUANDO CHE FOI CAÇADO PELA DITADURA

Documento no arquivo do Dops, em Belo Horizonte, revela alerta do governo militar brasileiro para a possibilidade de Che Guevara ter atuado no país, em 1966, um ano antes de morrer

DANIEL CAMARGOS

Ernesto Guevara de la Serna era para o Ministério da Guerra brasileiro, em janeiro de 1967, um “marginado” caçado pelos militares que comandavam o país. O argentino, mundialmente conhecido como Che Guevara pelo seu protagonismo na revolução cubana em 1959, foi o foco oito anos mais tarde de um memorando que circulou entre os órgãos de repressão. Até o ano passado o Exército negava a existência de qualquer registro sobre a passagem do revolucionário no país após o golpe militar. Uma consulta formal feita pelo Estado de Minas – obedecendo aos critérios da Lei de Acesso à Informação – obteve a seguinte resposta do Ministério da Defesa: “Não existem nos arquivos do Exército Brasileiro relatórios sobre a estada de Ernesto Che Guevara no Brasil, em 1966”.

Porém, o documento assinado pelo então tenente-coronel Edival Alves Pimenta, da 1ª Região do Exército – ao qual o Estado de Minas teve acesso –, foi repassado aos braços do Serviço Nacional de Informação (SNI) com o carimbo: secreto. Em apenas uma página foram descritos possíveis locais em que o revolucionário teria estado no Brasil, como Duque de Caxias e Petrópolis, no Rio de Janeiro, e no Mato Grosso, fronteira com a Bolívia, país em que Che foi assassinado, em outubro de 1967, enquanto organizava um foco guerrilheiro.

O documento está no arquivo do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) na pasta 1.069, que tem um total de oito páginas. São três páginas com a reprodução de um livreto escrito por Che chamado *O que é um guerrilheiro?*, outra com o memorando distribuído às forças de repressão, entre elas o Dops, e outras três páginas com fotos do revolucionário argentino, além da capa. O documento é intitulado “Pedido de busca número 1 e 2 secreto”.

“Encarando como provavelmente verdadeiros os informes versando sobre a presença do marginado na área do I Ex, esta Agência difunde os informes abaixo”, começa o texto do memorando. Na sequência, detalha os locais e crava: “Consta existir um campo de treinamento de guerrilheiros no município de Petrópolis, próximo à serra de Petrópolis”. O documento relata também que Che foi visto oito meses antes (em junho de 1966) no Mato Grosso, na fronteira com o Brasil. Diz ainda que em Angra dos Reis um marinheiro contou ter visto um casal de argentinos na cidade e que o homem partiu para encontrar Che, enquanto a mulher permaneceu no litoral fluminense.

Entretanto, de acordo com o recém-lançado livro *Marighella* (Companhia das Letras), escrito por Mário Magalhães, um dos passaportes apreendidos com o argentino em 1967 tinha um carimbo do pos-

to de imigração paulista em 1º de novembro de 1966 e saída dois dias mais tarde. Ou seja, a repressão estava buscando Che nos momentos e nos locais errados. No livro, a informação sobre o itinerário de Che é atribuída a Régis Debray, filósofo e jornalista francês, próximo a Fidel Castro e ao revolucionário argentino, que esteve na Bolívia à época da guerrilha.

“Guevara ingressou no Brasil sem barba, de óculos e com uma careca lustrosa obtida a arrancar fio por fio de cabelo. Portava um passaporte uruguaio em nome de Adolfo Mena Gonzáles, personagem a serviço da Organização dos Estados Americanos. O passageiro disfarçado calou sobre a rota no seu diário de campanha”, escreve Magalhães na página 341 de *Marighella*.

Para o cientista político, historiador e um dos mais respeitados especialistas sobre política exterior brasileira Moniz Bandeira, não há dúvida sobre a

passagem de Che pelo Brasil, principalmente por São Paulo. “Che teria de passar necessariamente pelo Brasil para fazer contatos (Marighella) e entrar na Bolívia. Também consta que ele esteve no Uruguai, com Brizola”, afirma Bandeira. Para o historiador, que escreveu *De Martí a Fidel - A revolução cubana e a América Latina* (Civilização Brasileira), Che passou para o Brasil a caminho de Montevidéu, onde se encontrou com Leonel Brizola e discutiu a criação de focos guerrilheiros.

A relação entre o governo cubano e as tentativas de guerrilha no Brasil era estreita. No artigo “O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro”, a professora de história contemporânea da Universidade Federal Fluminense (UFF) Denise Rollemberg destaca que Cuba teria treinado entre 2 mil e 3 mil guerrilheiros latino-americanos entre 1962 e 1967.

LENDAS DE UMA GUERRILHA

Se nem o Exército é certo sobre quando Che Guevara esteve no Brasil, a suposta presença do revolucionário alimentou uma série de mitos entre os militantes. Alguns chegam até a garantir que ele esteve ensinando táticas de guerrilha no maciço do Caparaó, entre Minas Gerais e Espírito Santo. “Se fosse verdade, quem se encontrou com ele teria o maior orgulho de contar. Teria sido uma glória para quem teve o contato”, afirma o deputado federal e ex-militante Nilmário Miranda (PT), que foi também ministro dos Direitos Humanos.

O autor do livro *Caparaó* (Boitempo), José Caldas Costa, reforça que não passa de lenda. Ele entrevistou os sobreviventes para escrever o livro, perguntou a todos, mas nenhum confirma os boatos. “Puxava o assunto, mas logo eles diziam que não fazia sentido”, lembra Caldas. A guerrilha começou em outubro de 1966, quando menos de 20 homens tentaram repetir a experiência da Serra Maestra cubana. Porém, sem apoio popular, o foco foi encerrado por milhares de militares. A chegada dos guerrilheiros ao local coincidiu com a ida de Che Guevara para a Bolívia.

O secretário de Educação de Alto Caparaó, Thiago Monteiro, destaca que na cidade não há nenhuma memória que remeta à guerrilha. “O Exército veio para cá e promovia brincadeiras com as crianças, fazia atendimento médico e odontológico e a cidade achava que não tinha ninguém lá em cima (na serra) e adorava a presença dos militares”, destaca Monteiro. Além disso, a maioria da população é evangélica e não apreciava o ateísmo dos comunistas que combatiam na montanha. Mesmo sem agradar os locais, existe um plano, segundo Monteiro, de conseguir reunir material para construir um museu da guerrilha na cidade.

